

**UM ESBOÇO PSICANALÍTICO SOBRE A VIVÊNCIA DE (IN) DIFERENÇA E
SEUS IMPACTOS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE DOS
INDIVÍDUOS CONTEMPORÂNEOS**

Naiara Valdelaine Balduino, (Instituição de Fomento: CNPq, Universidade Estadual de Maringá, Subjetividade e Práticas Sociais na Contemporaneidade, Maringá-PR, Brasil); Angela Maria Pires Caniato (Universidade Estadual de Maringá, Subjetividade e Práticas Sociais na Contemporaneidade, Maringá-PR, Brasil).

contato: naiara-101@hotmail.com

RESUMO

As ideias que aqui serão apresentadas pretendem ser um exercício teórico a respeito do método psicanalítico articulado a uma temática que se acredita pertinente e atual: o trauma e a vivência de indiferença. Deste modo, com o objetivo de desenvolver um raciocínio sobre essa temática encontra-se, na teoria freudiana, pontos de ancoragem para a proposição argumentativa de que haveria um enlace entre o traumático, a vivência de satisfação, a vivência de indiferença e a construção do próprio Eu. Ao longo desta pesquisa, foi possível traçar algumas compreensões acerca da complexidade do campo intersubjetivo e conceituar a indiferença como uma modalidade de falha no encontro primordial com o outro. A partir disso, ressalta-se a ideia de que a vivência de indiferença seria a matriz do trauma e que essa teria no ato a via de expressão de intensidades. Neste sentido, a indiferença experienciada interferiria, com sua intensidade, no processo de constituição, diferenciação e autonomia do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Vivência de (in) diferença. Trauma. Subjetividade. Psicanálise.

Como ponto de partida tomaremos o texto freudiano *Projeto de uma Psicologia*, de 1895, especialmente no que Freud escreveu a respeito da vivência de satisfação. A descrição que Freud (1895/1995) faz neste texto sobre o encontro primordial entre a criança e o outro que lhe atende as necessidades, serviu de argumento em relação a configuração do trauma, que teria na força do acontecimento a base de sua inauguração.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Assim, intui-se explorar a importância daquilo que é inscrito na especificidade do trauma e que compõe uma matriz a ser reproduzida via aprisionamento psíquico do sujeito. Também serão apresentados os conceitos de Moraes e Macedo (2011) de “vivência de indiferença e de ato-dor”, com o objetivo de aprofundar a noção de trauma e apresentar a dinâmica própria de uma economia psíquica que se encontra sob o domínio do aprisionamento e da repetição. É partir disso, que se busca desenvolver o processo singular de construção do Eu incipiente.

Destaca-se ainda, que foram utilizadas no desenvolvimento deste trabalho ideias e argumentações teóricas/conceituais, articuladas às contribuições de autores contemporâneos, com vistas à ampliação do pensamento analítico. Além disso, as discussões aqui propostas não visam esgotar um modo único de pensamento, mas perfazer outros caminhos de compreensão e aprofundamento sobre o tema.

O TRAUMÁTICO E A VIVÊNCIA DE INDIFERENÇA

No texto freudiano *Projeto de uma Psicologia*, de 1895, encontram-se alguns elementos que nos permitem reconhecer a essencialidade da experiência de encontro de um indivíduo com outro semelhante na estruturação do aparelho psíquico. Propomos, portanto, neste trabalho retomar e enfatizar a menção que Freud (1895/1995) faz da situação de encontro da criança com o outro e os efeitos psíquicos oriundos dessa relação. Como primeiro postulado principal, Freud (1895/1995) apresenta-nos neste texto “a concepção quantitativa” (p.09) que:

(...) decorreu diretamente de observação clínico-patológica, em que se tratou em especial da representação superintensa, como no caso da

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

histeria e da compulsão, nos quais, como se mostrará, o caráter quantitativo se sobressai de forma mais pura do que em [processos] normais (Freud, 1895/1995, p.09).

O que se destaca dessa citação é que nas observações clínico-patológicas algo da ordem do excesso, ou ainda, das representações superintensas chamou a atenção de Freud (1895/1995) e, possivelmente, o mobilizou a realizar um trabalho investigativo a fim de compreender o que a Q (quantidade de origem externa) por ele denominada, provocaria em termos de complexidade psíquica.

No tópico [11] *A Vivência de Satisfação*, Freud (1895/1995) desenvolve a ideia de que a experiência levaria a uma alteração interna, isto é, um estado de tensão exigiria uma intervenção que se possibilita a remoção no interior do corpo à liberação de Q_i (quantidade de origem interna), e essa intervenção demandaria uma alteração no mundo externo. Freud (1895/1995) também define a vivência de satisfação postulando que:

(...) o organismo humano é no início incapaz de levar a cabo a ação específica. Ela se efetua para ajuda alheia, na medida em que, através da eliminação pelo caminho da alteração interna, um indivíduo experiente atenta para o estado da criança (Freud, 1995, p.32).

Para Freud (1895/1995), se nesse encontro, que decorre da condição de desamparo inicial do ser humano, o indivíduo realizar uma ação específica no mundo externo que atenda o desamparado, “este foi capaz, através de organizações reflexas, de executar sem demora o desempenho necessário no interior do seu corpo para cancelar o estímulo endógeno” (p.32).

Destaca-se nesse ponto, não só a importância da situação de encontro entre o indivíduo e o desamparado, mas também daquilo que é impresso psiquicamente a partir de uma experiência de complexidade. Figueiredo (1991) entende essa situação ao considerar que:

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM

03 a 06 de Abril de 2017

Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

De início estamos todos, assim, “dentro” dos outros, sejam os outros família, classe social, nação, tradição, sistema linguístico etc. É este “outro”, anterior ao “eu”, ao “tu” e ao “ele”, é este “outro” indiferenciado – e que nesta medida precede a emergência da alteridade – que antes de aprendermos a fazer e a dizer “eu fiz”, antes de aprendermos a pensar e dizer “eu pensei”, antes de querermos e dizermos “eu quero” já faz, já pensa, já quer e já sente por nós (Figueiredo, 1991, p.29).

Essa citação denota a ideia de que é esse outro quem antecipa ao eu – por meio de suas impressões do mundo, de sua fala e também de seus desejos –, algo que no decorrer do processo de vida desse sujeito será por ele internalizado e passará a constituir seu próprio Eu. Também no *Projeto* freudiano de uma Psicologia (1985), a situação de encontro caracteriza a ação de um indivíduo “experimentado” e capaz de se atentar as necessidades da criança.

De fato, trata-se de uma experiência em que a condição desse outro indivíduo será decisiva na qualidade da experiência vivida pela mesma, ou seja, a qualidade psíquica desse outro ainda “indiferenciado” é demasiadamente significativa, já que esse eu incipiente, confunde, ainda, o eu e o não eu.

Para Figueiredo (1985) nesse primeiro movimento de “estar dentro do outro” cabe considerar que as condições da vivência psíquica “desse primitivo alojamento interferem significativamente no posterior e necessário processo de desapropriação do outro decorrente da construção e apropriação do si mesmo pelo sujeito” (p.26). Nesse tempo inicial, o Eu em sua condição de desamparo físico e psíquico fica na dependência do que o outro lhe oferece. Neste sentido, o autor acrescenta dizendo que o Eu:

(...) alojado no outro cria, ou não, recursos psíquicos para empreender um processo que lhe permita *ser* um outro na relação com outros *Eus*. Ter sido visto como um outro para o outro primordial abre as vias para que o *Eu* possa, posteriormente, investir o outro no campo da alteridade (Figueiredo, 1991, p.26).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Essa explicação nos permite compreender a essencialidade do outro e suas funções inaugurais em relação à qualidade das primeiras marcas psíquicas. Já não se trata apenas da presença notável de um outro, mas também da instauração de um processo complexo estabelecido no encontro assimétrico entre a criança e o adulto (Figueiredo, 1991). Bleichmar (2005) expressa a noção de complexidade inerente à situação vivenciada com o outro, ao dizer que:

O fato de que os seres humanos sejam crias destinadas a humanizar-se na cultura marca um ponto inquestionável de sua constituição: a presença do semelhante é inerente a sua organização mesma. No outro se alimentam não somente nossas bocas, mas nossas mentes; dele recebemos junto com o leite, o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossas valorizações ideológicas. O outro está inscrito em nós, e isto é inevitável (p.28).

Esse aspecto “inevitável” para Bleichmar (2005) implica dizer que a transformação de um ser humano em um sujeito psíquico pressupõe a experiência com o outro. Além disso, a importância do semelhante no processo de humanização poderia ser atribuída à condição de desamparo que marca a criança desde seu nascimento.

Soler (2007), ao retomar a concepção de desamparo em Freud (1996), enfatiza o aspecto econômico ao afirmar que “(...) há desamparo quando o sujeito se encontra confrontado com uma quantidade de excitação e não tem forças para suportá-la, ou canalizá-la ou reparti-la” (p.147). A autora, passa a considerar que no desamparo o trauma implicaria o sujeito, pois abordaria a relação entre ele e o real. A partir dessa condição de desamparo resultaria a importância da função do semelhante e “o registro dos efeitos daquilo que foi experimentado no campo vital, tanto inicialmente, no sentido biológico, quanto posteriormente, no registro psíquico” (ibidem, p.27).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Para Freud (1895/1995) nesse tempo inicial da vida psíquica do sujeito, aquilo que fora experienciado e inscrito no psiquismo originaria a memória. Ao longo da obra freudiana observa-se que a memória e o trauma de algum modo manteriam uma estreita relação. Esse fato instiga-nos a compreender o que nesse tempo inicial da vida infantil ficaria inscrito no psiquismo, sobretudo quando se destaca a qualidade do que viria a marcar o início da história do psiquismo do sujeito.

No texto de 1895, Freud (1895/1995) debruça-se sobre o conceito de memória e passa a descrever o quanto as facilitações e as conexões entre o experimentado, o inscrito e a rede neuronal dariam conta de um processo complexo de armazenamento de recordações mnêmicas. Para Freud (1895/1995) a memória “apresenta-se através das diferenças nas facilitações entre os neurônios ψ ” (p.14), ou seja, a essência da memória estaria vinculada à constituição das diferenças nas vias facilitadoras, bem como relacionada à capacidade de retenção dos neurônios. No “Projeto” encontra-se uma definição de trauma que estaria relacionada ao impedimento desses processos.

Nessa linha de raciocínio, o trauma pode ser entendido como uma impressão intensa que viria a impedir a constituição das diferenças de circulação nas vias facilitadoras (Freud, 1895/1995). Deste modo, se o trauma se caracteriza como uma impressão intensa incontida e relacionado às falhas no processo de construção das vias facilitadoras, caberia incluir as experiências primordiais do campo intersubjetivo – situação de encontro que constitui o psiquismo e inclui a capacidade do outro em atender à condição de desamparo da criança – e suas implicações como fatores fundamentais na compreensão complexa do traumático no psíquico.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Freud (1895/1995) também compreende o trauma enlaçado ao conceito de dor, pois para o autor, a dor seria produto do ingresso excessivo de uma quantidade de energia que sobrepõem a possibilidade de contenção. Quando essa magnitude de impressão intensa entra no interior do corpo, acaba produzindo dor física e, segundo Freud (1895/1995), faria desaparecer momentaneamente “o investimento do mundo representacional, um mundo psíquico fazendo perder seu modo de funcionamento e até sua existência momentânea, enquanto a quantidade seja suficientemente intensa e surpreendente” (Freud, 1895/1995, p.81).

Freud (1895/1995) acrescenta ainda, que essa dor deixaria uma marca, que metaforicamente, poderia se assemelhar a um raio e mesmo que não seja uma representação, faz alusão à intensidade experimentada. O trauma, nesse caso, produziria no aparelho psíquico uma irrupção de intensidades, cuja força e dinâmica supõe-se que de algum modo poderiam ser incluídas na leitura de repetições no psiquismo (Freud, 1895/1995).

Ao descrever o atendimento das necessidades infantis por um outro via ação específica, Freud (1895/1995) refere-se a um todo que constitui então “uma vivência de satisfação, que tem as consequências mais decisivas para o desenvolvimento das funções no indivíduo” (p.32). A complexidade dessa descrição remete a ideia de um aparelho psíquico formulado em um modelo “aberto”, ou seja, no encontro com o semelhante o sujeito se apropria do que lhe é ofertado, metaboliza o que foi recebido e supõe-se à produção de algo novo.

Neste sentido, para Hornstein (2001) “ao que está no início fica atribuído à condição de ponto de partida, de base do desenvolvimento” (p.33). Assim, a

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

singularidade da história do sujeito, se alicerça na configuração complexa daquilo que fora experienciado na relação com o outro. E é a “qualidade desse encontro que funda o sujeito em sujeito psíquico” (Moraes & Macedo, 2011, p.33).

A partir dessa leitura, que destaca o desenvolvimento de um psiquismo “aberto” e não totalmente “determinado”, poder-se-ia ampliar o pensamento ao considerar de modo dinâmico e complexo que “a autonomia será conquistada a partir do desamparo” (Hornstein, 2001, p.70) sentido e vivido pelo sujeito.

Neste ponto, se destaca dois sentidos sobre a função do outro no campo em que se subscreve as intensidades: o primeiro na presença apaziguadora do semelhante e o segundo na falha de sua função, ao deixar o psiquismo incipiente à mercê de um excesso (Moraes & Macedo, 2011). A qualidade de tramitação dessa quantidade de energia “inaugura recursos para investimentos posteriores em objetos que sucedem a relação com o objeto primordial” (Moraes & Macedo, 2011, p.33).

Em alguns textos de Freud (1895/1995), se encontra uma concepção de aparelho psíquico que daria conta de uma quantidade que ingressa, que é processada no interior do psiquismo e que construiria complexas modalidades de descargas. Deste modo, a satisfação experienciada inicialmente, proporcionada pela presença e ação específica do outro, originaria segundo o autor, as trilhas que serão percorridas de modo cada vez mais dependente da própria capacidade do aparelho, e não mais daquele semelhante. Não se pode desconsiderar o efeito daquilo que fora experimentado e que, posteriormente, via inscrição psíquica, será herança da memória enquanto impressão ou representação (Moraes & Macedo, 2011).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Um ponto que aqui se destaca, é que ao se discutir o trauma pelo viés da experiência com o outro, não se rejeita ou exclui a linha de raciocínio de Freud (1895/1995) em relação aos efeitos para o psiquismo do enfrentamento de intensidades. Busca-se, mais do que excluir, ampliar as propositivas freudianas ao incluir a leitura do trauma por meio da experiência inicial dada no meio intersubjetivo.

A partir disso, reiteramos a ideia de Moraes e Macedo (2011) sobre a importância do acontecimento na vida do sujeito. Já que, dessa forma, incorpora-se aquilo que fora experienciado com o semelhante à temática de intensidade e de vigência do econômico no psiquismo. Ressalva-se, que abordar o acontecimento como algo importante não quer dizer que se dará destaque a todo e qualquer situação ocorrida na vida do sujeito e também não quer dizer que se irá excluir a importância e diferença existente entre a realidade interna e a realidade externa. Pelo contrário, destaca-se o acontecimento a fim de realizar uma leitura sobre o trauma e, assim, resgatar a proposição de um aparelho psíquico aberto e do acontecimento que “produz efeitos, que mobiliza certos afetos e que trará para a vida do sujeito inegáveis marcas de intensidade” (Moraes & Macedo, 2011, p.34).

Sobre o acontecimento referente a história do sujeito, Bleichmar (2005) nos convida a considerar que:

Não é a história-relato que constitui a fonte de toda informação possível, mas precisamente suas fraturas e buracos, não que isso seja entendido no sentido clássico da amnésia histórica, mas tudo aquilo inegável capaz de produzir efeitos e que deve ser persuadido a uma simbolização eventualmente possível para evitar os efeitos compulsivos que acarretam para o psiquismo (Bleichmar, 2005, p.142).

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Essa proposição, permite pensar a essencialidade do acontecimento em relação a singularidade que originará a vivência de satisfação. Deste modo, ao considerar suas especificidades, o acontecimento poderá funcionar como uma mola propulsora “de uma psicopatologia cuja via de expressão da dor se dá em ato” (Moraes & Macedo, 2011, p.35).

As considerações que Freud (1895/1995) faz no *Projeto de uma Psicologia* possibilita retomar a importância do encontro primordial no cenário de desamparo como condição de inauguração do psíquico e também de impressão do que fora experimentado com o semelhante. À experiência ocorrida soma-se a condição psíquica do aparelho alheio que “aloja o psiquismo incipiente” (Moraes & Macedo, 2011, p.35). Desse acontecimento poderá resultar as condições necessárias à constituição do Eu desse sujeito.

Neste sentido, as vivências e as impressões intensas é que trarão ao cenário o conceito de trauma. A definição de trauma adotada, parte das proposições de Freud, primeiro em 1897, quando o trauma foi associado pelo autor à etiologia da histeria, que como assinala Green (1998) “a Psicanálise nasceu da teoria traumática que, como se sabe, identificava o trauma com uma sedução” (p.171). Ou seja, dessa primeira formulação de trauma pode-se evidenciar a impossibilidade da criança em reagir ao que lhe vem do outro. Já uma segunda concepção de trauma, descrita no texto de Freud (1920/1996) *Mais além do princípio do prazer*, de 1920, articula-se a vivência de acontecimentos à irrupção no aparelho psíquico de intensidades advindas da realidade externa.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

A partir dessa definição, vê-se o acontecimento, como instrumento para se pensar a ideia de trauma e como “produtor de efeitos incessantes no intrapsíquico” (Moraes & Macedo, 2011, p.35). Assim, o acontecimento ao qual o trauma faria referência decorreria, segundo Moraes e Macedo (2011), de:

(...) uma modalidade de encontro do sujeito, na condição de seu desamparo, com uma condição de demanda de alojamento no psiquismo do outro que fica aquém de suas necessidades (Moraes & Macedo, 2011, p.35).

Essa citação, explicita a essencialidade do outro nesse período inicial de constituição psíquica do sujeito e também ressalta a importância dessa dinâmica do acontecimento na consolidação de condições intrapsíquicas do mesmo, que se encontra em situação de desamparo e, que solicita ao outro uma necessidade psíquica.

No âmbito do traumático, o acontecimento “é aquele que desperta intensidade, que adquire um caráter de algo não metabolizável para o psiquismo” (Moraes & Macedo, 2011, p.41) do sujeito. Esse acontecimento, quando é perpassado pelo excesso, passa a constituir impressões psíquicas que de algum modo escapam ao circuito representacional do sujeito (Freud, 1895/1995).

Também no texto *Mais além do princípio do prazer*, de 1920, Freud (1920/1996) escreve sobre a ruptura das barreiras protetoras e destaca um aparelho psíquico fragilizado pelo descompasso dramático entre a quantidade de intensidade que irrompe e a capacidade de processamento do psiquismo dessas descargas.

Deste modo, quando o acontecimento, com sua intensidade, irrompe essas barreiras protetoras, acaba fraturando e removendo do sujeito “qualquer possibilidade de historicização do experienciado frente aos recursos então disponíveis” (Moraes & Macedo, 2011, p.42). Para Moraes e Macedo (2011), o que caracterizaria o

acontecimento traumático é essencialmente “seu efeito de captura do sujeito pelo excesso que o invade” (p.42). Essa afirmativa também pode ser sustentada a partir dos escritos de Freud (1920/1996) em “Mais além do princípio do prazer” que diz que:

(...) em toda uma série de traumas, o fator decisivo para o desenlace talvez seja a diferença entre os sistemas não preparados e os preparados por sobreinvestimentos; claro que a partir de certa intensidade do trauma, essa diferença deixará pesar (Freud, 1996, p.31).

Neste sentido, na configuração do trauma, pode-se pensar que a experiência acaba conferindo à impressão de um caráter de intensidade quase que impossível de ser representado. Moraes e Macedo (2011), introduzem um fator muito interessante ao processo de instauração traumática ao pontuarem que nesse processo pressupõe-se “a peculiaridade de uma *indiferença* experimentada no encontro com o semelhante” (p.42).

Para as autoras, o que atribuiria ao acontecimento um caráter de “força” e “dramaticidade” é denominado por elas de *vivência de indiferença*. A definição de indiferença dada por Moraes e Macedo (2011) refere-se a “(...) uma qualidade de violência imposta à criança por parte do adulto em um tempo primordial de estruturação do psíquico” (p.42).

Na vivência de indiferença, haveria a ausência de uma condição de ajuda do adulto, que só ofertaria à criança sua indiferença. Entretanto, cabe ressaltar que não se trata apenas do desdém oferecido pelo outro a criança, mas de uma marca de não reconhecimento daquilo que faz o outro singular: o seu existir (Moraes & Macedo, 2011). Pode-se dizer então, que haveria na indiferença o predomínio do não reconhecimento da diferença que “a existência do outro aporta a esse encontro inicial e

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

que se reproduz na apropriação do sentido de existência da criança” (Moraes & Macedo, 2011, p.43).

O que para Moraes e Macedo (2011) seria importante destacar nessa situação de vivência de indiferença é um campo de experiência, no qual “a indiferença acrescenta um elemento de excesso que se produz posteriormente nos efeitos do experienciado” (p.42). Ou seja, a vivência de indiferença seria uma modalidade de encontro psíquico em que:

(...) a criança não encontra no adulto, a quem demanda uma necessidade, condições de percepção e de consideração do que representa assimetria presente na relação. O outro da vivência de indiferença não possui recursos que levariam a uma capacidade de ligação afetiva em relação à criança que ocupa o lugar de desamparo próprio desse tempo inaugural. A indiferença o impede apresentar à diferença a criança. O investimento afetivo como mola propulsora de um trabalho de ligação e interpretação daquilo que ataca a criança por dentro, não é realizado nesse cenário de indiferença. Assim, o efeito da experiência de indiferença é a captura em uma situação de predomínio do desamparo e da vigência de intensidades (Moraes & Macedo, 2011, p.43).

Nesse cenário de indiferença, também no outro (adulto), segundo Moraes e Macedo (2011), se identifica um prejuízo em sua própria capacidade afetiva, isso de algum modo lhe permitirá “ocupar o lugar de quem percebe, traduz, atende a uma demanda psíquica oriunda da condição assimétrica referente ao desamparo infantil” (Moraes & Macedo, 2011, p.43).

Tal dinâmica, que pressupõe na indiferença oferecida o excesso, permite a atualização repetida do prejuízo psíquico oriundo da usurpação do direito infantil de existir (Moraes & Macedo, 2011). Além disso, nesse desencontro primordial ter-se-ia o predomínio de um desconhecimento da criança a respeito de si mesma. Já que como

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

efeito desse encontro traumático, restaria a criança reproduzir não apenas aquilo que lhe faltou, mas a intensidade perturbadora daquilo que lhe foi ofertado.

Para Moraes e Macedo (2011) a criança ao não ser reconhecida na diferença de sua existência, acabaria ficando presa a “um registro mudo, porém com força de matriz” (p.44). Assim, o que voltaria nas repetições do que foi vivenciado – compartilhando do raciocínio freudiano de constituição das vias facilitadoras –, corresponderia a um processo fraturado de construção psíquica, ou seja:

As fraturas atualizam-se principalmente no campo da alteridade; por isso a força matriz do encontro primordial na repetição atordoada e produz dor psíquica pela sensação de aprisionamento (Moraes & Macedo, 2011, p.44).

Retomando a descrição de Freud (1895/1995) sobre a vivência de satisfação, seria a condição e a qualidade da ajuda do outro que possibilitaria que a criança experimentasse uma estabilidade no atendimento de suas necessidades e instauraria vias facilitadoras que possibilitariam a inauguração de certa autonomia da criança em relação à ausência do objeto que lhe atendia. Contudo, na vivência de indiferença a resposta do outro, conforme Moraes e Macedo (2011), seria marcada por certa instabilidade e ambiguidade.

Desse contexto, compreende-se que, ainda que frágeis, os movimentos de investimento psíquico seriam alternados por uma ausência que impossibilitaria a construção de uma autonomia na criança, mas que reescreveria “a matriz da precariedade do acontecimento” (Moraes & Macedo, 2011, p.45).

Moraes e Macedo (2011), rejeitam a ideia da instalação de um funcionamento psicótico, mas descrevem uma dinâmica que liga a construção de si mesmo ao excesso

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

do não experimentado como “condição de apaziguamento e de ligações de intensidade”

(p.45). Ou seja, na medida em que:

(...) o acontecimento primordial se dá no cenário de indiferença, não afeta psicicamente este outro de modo a ofertar à criança subsídios psíquicos para que ela possa empreender um trabalho de ligação e de atribuição de sentido àquilo que a ataca por dentro. O que se imprime não é a ausência de objeto (psicose), mas sim a alternância, a instabilidade e a fragilidade no sentido da diferença e da implicação do outro com um Eu incipiente. Talvez aqui se deva mencionar o campo das patologias de fronteira. Não se trata nem da operação de recalçamento, tampouco de uma ruptura com a realidade, ao contrário, o experimentado no cenário da indiferença terá como efeito um processo singular de construção de si mesmo: a matriz denuncia a apropriação da capacidade de ser e de se reconhecer em sua diferença (Moraes & Macedo, 2011, p.45).

Neste sentido, a indiferença experienciada interferiria, com sua intensidade, no processo de diferenciação e autonomia da criança. Além do que esse tempo primordial experienciado, passará a determinar suas vivências no campo intersubjetivo, sendo seus efeitos inevitáveis no processo de constituição egoica.

Outro ponto a ser destacado seria a repetição oriunda da vivência de indiferença, cuja função seria de atualizar a matriz de excesso. Assim, conforme aponta Moraes e Macedo (2011) a vivência de indiferença condenaria o psiquismo a uma repetição do excesso experimentado, bem como encontraria na forma de repetição em ato, “uma via privilegiada de articulação de intensidades” (p.48). Esse ato, terá como foco corresponder as exigências do excesso e encontrará “em sua manifestação singularidades que o situem como expressão de dor” (p.48).

O ato, é entendido por Moraes e Macedo (2011) como “ato-dor” e seria uma “memória da dor de indiferença” (p.48). É nesse ato-dor que pela via de descarga, e

não necessariamente pela metabolização do aparelho psíquico, que se reproduzirá marcadamente a impressão do excesso vivenciado.

Neste sentido, o ato-dor funcionaria como uma modalidade de evacuação de intensidades associada ao efeito da indiferença experimentada e, além disso, seria por meio dele que o traumático expressaria toda sua potencialidade em produzir padecimento ao sujeito, bem como acaba por denunciar a precariedade no processo de construção do Eu do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou o contato com a riqueza dos textos freudianos, em especial, com o *Projeto de uma Psicologia*, de 1895, pois ao retomá-lo foi possível agregar novas compreensões acerca do trauma e da vivência de satisfação, bem como articular esses conceitos com a proposição de vivência de indiferença e ato-dor. Além disso, essas ideias puderam ser articuladas, ainda que brevemente, à constituição do psiquismo do sujeito.

Também foi possível traçar algumas compreensões acerca da complexidade do campo intersubjetivo e conceituar a indiferença como uma modalidade de falha no encontro primordial com o outro. A partir disso, ressalta-se a ideia de que a vivência de indiferença seria a matriz do trauma e que essa teria no ato a via de expressão de intensidades. Neste sentido, a indiferença experienciada interferiria, com sua intensidade, no processo de constituição, diferenciação e autonomia do sujeito.

Destaca-se ainda, que as discussões aqui apresentadas dão margem para pensarmos não só nas impressões psíquicas oriundas da vivência de indiferença, mas

permitem ampliar nosso olhar para como se tem configurado à dimensão das experiências humanas, das vivências relacionais e da ética na contemporaneidade. Pois, o que se observa na atualidade é a repetição em ato dessa vivência primordial de indiferença, que pode ser observada cotidianamente em atos de crueldade, de desumanização, de desconfiança, de preconceitos, de discriminação, de violência, de banalização e conversão dos princípios éticos em interesses individuais, de perda da noção de coletividade e de responsabilidade moral em relação a vida em sociedade e, de tantos outros exemplos, que poderiam ser descritos e relacionados à uma suposta frieza constitutiva dos sujeitos.

Ademais, ressalta-se que algumas questões ainda persistem neste trabalho e poderão ser investigadas em pesquisas subsequentes, bem como se vê a necessidade de ampliação de alguns pontos de investigação da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bleichmar, S. (2005). *La subjetividad em riesgo: herramientas para el rescate*. Recuperado em 12 de janeiro, 2017, de <http://bibliopsi.org/docs/materias/obligatorias/CFG/adolescencia/grassi/bleichmar%20-%20subjetividad%20en%20riesgo.pdf>

Freud, S. (1895/1995). *Projeto de uma psicologia*. Rio de Janeiro: Imago Ed, 9-50.

Freud, S. (1920/1996). *Mais além do princípio do prazer*. Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, XVIII, 13-75.

Figueiredo, L. C. *A questão da intersubjetividade uma falsa questão*. São Paulo: Mimeo.

Green, A. (1998). *Las cadenas de Eros: actualidad de lo sexual*. Buenos Aires: Amorrortu.

X Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da UEM
03 a 06 de Abril de 2017
Universidade Estadual de Maringá ISSN 2358-7369

Hornstein, L. (2001). Cuerpo, yo y pulsión de saber. *Revista del Ateneo Psicanalítico*, 3(1), 63-84.

Macedo, E. G. & Macedo, M. M. K. (2011). *Vivência de indiferença: trauma ao ator*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 11-54.